

CAMARA MUNICIPAL DE SAO PAULO
ASSESSORIA TECNICA DA MESA - A.T.M.
SISTEMA DE APOIO AO PROCESSO LEGISLATIVO

PROJETO DE LEI : 01-0926/1997 DE 1997

MATERIA LEGISLATIVA: FL 01-0926/1997 DE 30/09/97

PROMOVENTE: VEREADOR

EDIVALDO ESTIMA

E M E N T A:

INSTITUI O DIA DE MACAU, A SER COMEMORADO, ANUALMENTE
NO DIA 24 DE JUNHO, E DA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O B S E R V A C O E S:

Lei 12.592 de 16/4/98

CNC Solutions
Tipo: Processo Legislativo
28/10/2010 10:19:21

00000015489-05



ARQUIVADO EM 28/10/98

CHEFE DE SESSÃO



Câmara Municipal de São Paulo

Folha nº 01 de proc
nº 926 de 1992

218

LIDO HOJE

ÂS COMISSÕES DE: 30 SET 1997

CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA;
EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE;
E FINANÇAS, E ORÇAMENTO.

PROJETO DE LEI Nº.

~~01-PL~~
01-0926/1997

Institui o “**DIA DE MACAU**”, a ser comemorado, anualmente, no dia 24 de junho.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO decreta:

Art. 1o. - Fica instituído, no âmbito municipal, o “DIA DE MACAU”, a ser comemorado, anualmente, no dia 24 de junho.

Art. 2o. - A Entidade Casa de Macau, sediada em São Paulo, será convidada a participar da comemoração de que trata o *caput* desta lei, que passará a integrar o Calendário Oficial da Municipalidade.

Art. 3o. - As despesas decorrentes com a execução da presente lei, correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 4o. - Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 30 de setembro de 1997.

Edivaldo ESTIMA
Vereador

SEÇÃO DE REVISÃO

★ 30 SET 1997 ★

- DT. 10 -

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SEGUE(M) juntado(s) nesta data documento(s) rubricado(s) sob n.º 2.213 e folha de informação sob n.º 14.13.10.199-a (Carb)



Câmara Municipal de São Paulo

JUSTIFICATIVA

O século XVI foi marcado pela expansão comercial e marítima européia. Esse dinamismo já havia começado nos fins da Idade Média, mas foi então que tomou impulso jamais visto. Os europeus se lançaram à descoberta e à conquista de novos continentes e se procuramos explicar os descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, veremos que o fator que mais os estimulou foi, sem dúvida, o econômico.

Os descobrimentos se sucederam fazendo assim a primeira ligação direta por mar entre a Europa Ocidental e os países marítimos do Oriente, cujos precursores foram os portugueses, que em 1517 alcançaram a costa da China e em 1520 foram recebidos em Pequim o que lhes permitiu comerciar com Cantão, com o que se conseguiu o monopólio dos produtos orientais.

Em 1557, os portugueses assenhorearam Ngao-men ou Ngao-man cidade do litoral da China, à margem direita do estuário do rio Sikiang, a oeste de Hon-kong, que compreende uma península rochosa, ligada à ilha de Herung-San por um cordão arenoso, e fundaram o núcleo urbano da cidade de SANTO NOME DE DEUS DE MACAU, que se tornou um centro comercial e de expansão do cristianismo.

De meados do século XVIII até adentro do século XIX, foi com Cantão, o único pôrto chinês aberto ao tráfico europeu. Assim tornou-se foco de disputa acirrada entre os europeus na tentativa de obter seu domínio, principalmente dos holandeses que com avidez cobiçavam a colônia portuguesa pois a falta de uma base comercial na China impedia o desenvolvimento do comércio no Japão.



Folha n.º	03	de proc.
n.º	926	do 19.º 97

Câmara Municipal de São Paulo

Segundo os arquivos, a frota que chegou ao largo de Macau no dia 22 de junho de 1622, contava dezessete embarcações. Macau estava então quase indefesa.

A maior parte dos portugueses estava no estrangeiro, nas viagens habituais naquela altura do ano, em terra capazes de levar armas, estavam apenas oitenta europeus pois quatrocentos mosqueteiros ainda não regressara da China.

Entre as forças holandesas três companhias de bons soldados, treinados na Flandres, homens que, em reconhecimento dos seus serviços foram escolhidos para a conquista de Macau como um empreendimento de grande lucro e pouco risco.

Seguiu-se uma violenta batalha e ao raiar o dia memorável de 24 de junho, a frota apertou o cerco à cidade, com fogo intenso, a flotilha armada com peças de artilharia, móveis e canhões ligeiros, transportou oitocentos invasores para a praia, antes porém, os holandeses tomaram todas as precauções para cobrir a retirada em caso de revés, duas companhias de cem homens foram estacionados no local de desembarque e os restantes, avançavam atirando com destreza enquanto marchavam em direção à cidade.

Era enorme a desvantagem, o povo, em um estandarte, sem qualquer auxilio militar, correu em grande confusão para a área de combate. Felizmente o inimigo ignorava quão impreparada estava a colônias, quão lamentáveis eram as condições.

Graças à precisão do padre Rho, o famoso astrônomo de Pequim, nessa altura os jesuitas da China eram muito versados na arte da guerra, um tiro fez explodir um vagão carregado de pólvora.



Folha n.º	04	de	proc.
n.º	926	de	19.92

Câmara Municipal de São Paulo

Esse tiro desconcertou imenso os invasores, e segundo narrativa histórica dos holandeses, à falta de pólvora atribui a derrota que se seguiu.

Da sobranceira cidadela outros canhões disparavam também contra os invasores, diz-se que eles suspeitaram de uma emboscada.

Os habitantes macaenses lutaram bravamente, e desprevenida como estava, para Macau, a vitória foi, sem dúvida, um milagre.

No próprio cenário da batalha os vencedores alforriavam os seus escravos negros em reconhecimento da sua lealdade e bravura. Depois foram todos à Catedral para uma solene ação de graças pela vitória alcançada pela graça de Deus, tendo o Senado e os moradores feito votos de comemorar do mesmo modo, daí em diante, à vespera do dia de São João, um voto escrupulosamente cumprido até o tempo presente.

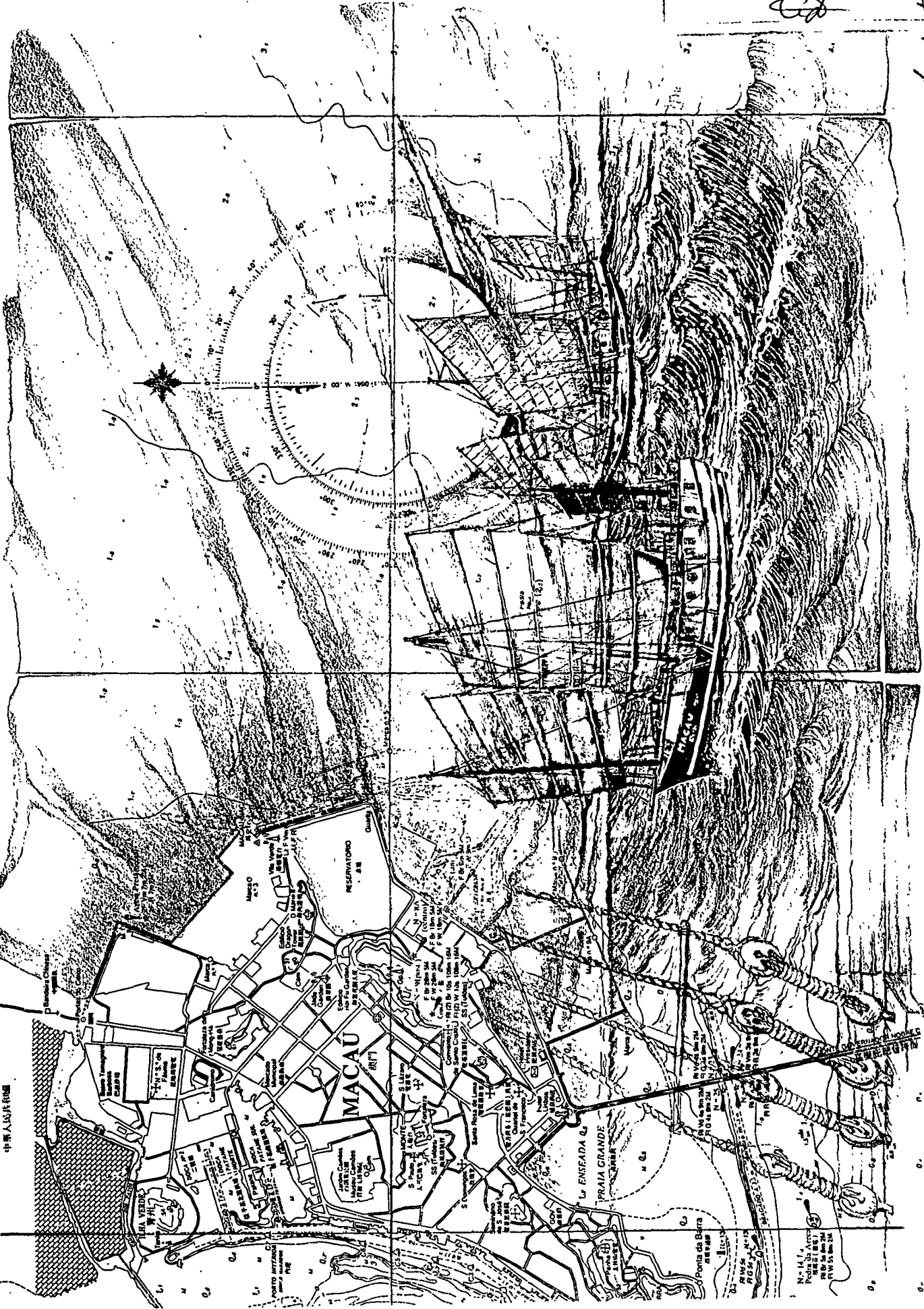
A salvação foi unanimemente atribuída a São João Batista.

A China só reconheceu o domínio de Portugal em 1887. Depois disso, juntamente com Hong Kong, foi, durante longos anos, importante mercado para as transações comerciais com o Ocidente.

Em Macau está o túmulo de São Francisco Xavier e ali viveu Luis de Camões em 1558 e 1559, onde parte de “Os Lusíadas” foi escrita. Modalidade de porcelana dita das Índias Orientais foi a porcelana de Macau, cuja produção mais florescente se fez pelos séculos XVIII e XIX.

Muitos macaenses vivem e trabalham atualmente em São Paulo, razão pela qual julgamos oportuna a presente propositura objetivando render justa homenagem a esta comunidade.

REPUBLICA POPULAR DA CHINA
 中華人民共和國



13



GABINETE DO GOVERNADOR DE MACAU
澳門總督辦公室
MACAU GOVERNOR'S OFFICE

TELECÓPIA
電話傳真
FACSIMILE TRANSMISSION

Folha no 06 da proc
no 926 de 1997
PALÁCIO DO GOVERNO
總督府
Avenida da Praia Grande
南灣大馬路
MACAU
澳門

Para: Ex ^{mo} Senhor Gilberto Quevedo da Silva 收件人: To:	Fax: 85-11- 383 6002 + 5511 533 6002
De: 發件人: Maj Tiago Vasconcelos From:	Data: 日期: 3 Set 97 Date:
Assunto: 事由: Apontamento sobre o 24 de Junho Subject:	Total de páginas: 頁數: 1+6 Total pages:
Mensagem: 傳信: Message: Ex^{mo} Senhor • <i>Caro Senhor,</i> Não tendo conseguido obter no Leal Senado a informação pretendida, junto o extracto de um livro, que provavelmente até é do conhecimento de V. Ex.^a, que suponho conter informação abundante sobre o acontecimento, seus antecedentes e consequências, que dou origem ao Dia de Macau. Naturalmente que estou disponível para quaisquer esclarecimentos necessários. Com os melhores cumprimentos e a elevada consideração, atenciosamente <i>Tiag Vasconcelos</i> Tiago Vasconcelos	
Se não receber todas as páginas, informe-nos imediatamente por esta via 如收不到全部頁數，請即用電話/ 用戶電報與我們聯絡。 If you do not receive all the pages, please phone or telex immediately Tel.: 565555 Telex: 88201 GOVMA OM Fax: 563377	

Governo na sua obra «Subsídios Para ... Governadores De Macau» op. cit.).

1622 – (29-IV) – Foi celebrada pelo prior do Convento de St.º Agostinho, Fr. Estêvão de Vera Cruz, a primeira missa na ermida de Nossa Senhora da Penha de França, edificada pelos frades de St.º Agostinho com ajuda das esmolas dos navegantes e moradores da cidade, em cumprimento da promessa de terem sido salvos, quando o seu barco *S. Bartolomeu*, capitaneado por Jorge da Silva, fora atacado, em 28 de Julho de 1620, por uma nau holandesa, na ocasião em que fazia a viagem do Japão. No mesmo dia foi lavrado o auto de posse da ermida pelos agostinhos.

1622 – (24-VI) – Retumbante vitória definitiva alcançada por Macau sobre os holandeses comandados por Kornelis Reyerszoon que, com 14 navios e 800 homens, pretendeu tomar a cidade. O inimigo foi completamente desbaratado ante o indómito esforço dos macaenses, capitaneados pelo denodado herói Lopo Sarmento de Carvalho. Colaboração do Pe. Rho S.J. (de passagem em Macau) a partir da Fortaleza do Monte, e protecção do Santo do Dia, S. João Baptista. Hoje Dia da Cidade.

1622 – (30-VII) – Tomou posse do Governo de Macau o Conselho Governativo, constituído por Fr. António do Rosário (presidente) e pelos moradores Pedro Fernandes de Carvalho e Agostinho Gomes, sendo nomeado por alvará do Estado da Índia de 22 de Abril do mesmo ano, para o exercício da capitania de guerra sem dependência do Capitão da Viagem do Japão (cfr. 1622 (22-IV)).

1622 – O monopólio com as «fábricas» de Cantão é suspenso e Macau passa a ser centro de apoio e de passagem de estrangeiros em demanda da feira anual de Cantão.

1622 – As intrigas holandesas (cartas forjando a nossa intenção de invadir o Japão) além de produzirem o corte comercial que tanto prejuízo trouxe a Macau, levaram o Japão a perseguir-nos ainda mais, religiosamente. Até havia prémios para quem denunciasse padres e simples cristãos. Os portugueses foram expulsos do Japão e aqueles que, em situação de captura, confessaram o seu credo (nenhum apostatou) foram torturados e chacinados. (cfr. 1625).

1623 – (6-V) – Carta e regimento do Vice-Rei da Índia, passados em nome do Rei, nomeando D. Francisco Mascarenhas, Fidalgo da Casa Real, como Capitão-Geral e primeiro Governador da Cidade de Macau, funções que assumiu em 17 de Julho do mesmo ano. Este Governador cercou a cidade com uma muralha e aperfeiçoou o sistema de fortificação, em geral.

1623 – (17-VII) – Posse do primeiro Governador, D. Francisco de Mascarenhas, também Capitão-Geral. Os moradores pediram um

Folha no	08	de proc.
n.º	926	de 19. 97

In "MACAU HISTÓRICO"

MONTALVO DE JESUS

MACAU
HISTÓRICO

VI

Invasão e expulsão dos holandeses.

Feito naval de Macau.

O primeiro capitão-geral.

Revolta contra medidas arbitrárias.

Conclusão das fortificações.

A bandeira portuguesa durante o domínio espanhol.

Uma trégua de doze anos entre a Espanha e os Países Baixos adiou um projectado ataque holandês a Macau. A avidez com que os holandeses cobiçavam a colónia e o quanto a falta de uma base comercial na China impedia o desenvolvimento do comércio no Japão explicam o facto de que em 1609 dois barcos holandeses, cordialmente recebidos em Firando, tenham desapontado os japoneses que estavam à espera de seda crua da China. Os holandeses, embora excluídos do comércio da China, solicitaram aos japoneses que lhes concedessem o monopólio do fornecimento dessa desejada mercadoria. No ano seguinte, contudo, não conseguiram de novo trazê-la como tinham prometido. Isto levou os japoneses a suspeitar, como os chineses, que as cargas dos holandeses dependiam da pilhagem⁷⁶. Para proteger dos holandeses o comércio português na China, o vice-rei da Índia teve de mandar, em 1613, três galeões para cooperarem com as quatro embarcações já enviadas. Um dos galeões foi afundado por um tufão, perto de Sanchuan, e morreram duzentos dos seus tripulantes⁷⁷.

Tendo acabado a trégua, um esquadrão de duas embarcações holandesas e outras duas inglesas, aliadas, apareceu em Macau, a 29 de Maio de 1622. Em consequência de algum mal-entendido os ingleses partiram para o Japão. Os holandeses tentaram tomar a colónia de surpresa. Quando abriram fogo, o povo, chamado às armas por Lopo Sarmiento de Carvalho, guardava os pontos fracos, e como a praia de Cacilhas permitisse um fácil desembarque, levantou lá um banco de areia. Como prevenção contra eventuais surpresas nocturnas, onze pequenas embarcações patrulhavam o porto. Na manhã seguinte os holandeses fizeram-se ao largo a fim de interceptar os barcos vindos da Índia, enquanto uma bem armada flotilha era enviada para os escoltar e trazer a salvo⁷⁸. Entretanto, uma poderosa expedição holandesa estava a caminho para capturar ou Macau ou Pescadores. De Batávia, o governador-geral Koen enviou oito embarcações, sob o comando de Kornelis Reyersz van Derzton, e ordens a Willem Jansz, que sitiava Manila, para destacar alguns dos seus barcos para a expedição — que foi reforçada com um barco, com destino a Batávia, e dois patachos portugueses capturados ao largo de Malaca. Durante a viagem a tripulação de cada barco era diariamente treinada. A frota, que chegou ao largo de Macau no dia 22 de Junho de 1622, contava dezassete embarcações — incluindo dois barcos ingleses⁷⁹. Segundo os arquivos de Macau quando a frota principal chegou já lá se encontravam dois barcos holandeses e dois barcos ingleses, galeotas e patachos num total de treze naus; mas os ingleses mantiveram-se afastados, visto que os holandeses, certos do sucesso, se recusavam a partilhar os despojos, que teriam excedido

Folha n.º	09	de proc.
n.º	926	de 1997

Ad

MACAU
HISTÓRICO

as expectativas. Macau estava então quase indefesa. A maior parte dos portugueses estava no estrangeiro, nas viagens habituais naquela altura do ano; em terra, capazes de levar armas, estavam apenas oitenta europeus. Evidentemente, o contingente de quatrocentos mosqueteiros ainda não regressara da China. Havia, por outro lado, entre as forças holandesas, três companhias de bons soldados, treinados na Flandres — homens que, em reconhecimento dos seus serviços, foram escolhidos para a conquista de Macau como um empreendimento de grande lucro e pouco risco. À chegada da frota, dois barcos aproximaram-se da costa até ao alcance de um tiro de mosquete para inspeccionar o local ou, como foi alegado, para desafiar o Forte de S. Francisco, para o qual, já na tarde de 23 de Junho de 1622, dois barcos se dirigiram e abriram fogo. Seguiu-se uma violenta batalha que durou entre as duas e as seis horas. Um dos barcos ficou de tal modo danificado que teve de ser abandonado e, supõe-se, foi a pique. Ao raiar o dia memorável de 24, a frota apertou o cerco à cidade, com fogo intenso, enquanto dois patachos abriam caminho na praia de Cacilhas *com as nossas próprias balas* — aparentemente os patachos capturados perto de Malaca foram reconhecidos. A flotilha, armada com peças de artilharia móveis e canhões ligeiros, transportou oitocentos invasores para a praia. Foi queimado um barril de pólvora húmida e, a coberto do fumo negro soprado para terra, o desembarque foi efectuado com grande ímpeto e por entre furiosas descargas. António Rodriguez Cavalinho, estando na altura na sua casa de campo ali perto, correu a impedir o desembarque, embora apenas com cinco portugueses e seus escravos negros. Perante a enorme desvantagem da sua parte, retrocederam e puseram-se de emboscada nos penhascos da Guia, por cima da planura por onde os invasores teriam de passar para chegarem à cidade. Do mesmo modo, sessenta europeus e noventa macaenses, achando insustentável a faixa de areia de Cacilhas, retrocederam para a cidade, virando-se para disparar à medida que se retiravam. Os tiros tocavam a rebate. Por entre grande consternação as senhoras refugiaram-se em S. Paulo e os tesouros foram guardados no Seminário, visto o local ser protegido pela Artilharia do Monte — fortaleza para onde foram os jesuítas, alojando no seu Seminário as madres de Santa Clara⁸⁰. O povo, em um estandarte, sem qualquer auxílio militar, correu em grande confusão para a área de combate. Felizmente, o inimigo ignorava quão impreparada estava a colónia, quão lamentáveis eram as condições. Antes de avançar sobre a cidade os holandeses tomaram todas as precauções para cobrir a retirada em caso de revés. Os patachos foram trazidos o mais perto possível da praia. Duas companhias de cem homens foram estacionadas no local do desembarque. Os restantes, conduzidos por Reyersz van Derzton e entusiasmados pela retirada dos portugueses, avançavam atirando com admirável destreza enquanto marchavam em direcção à planura no sopé da Guia. Estavam já à altura da fonte quando da cidadela do Monte um canhão pesado começou a bombardeá-los — uma grande bombarda apressadamente colocada naquela direcção. Graças à precisão do padre Rho, o famoso astrónomo de Pequim — nessa altura os jesuítas da China eram muito versados na arte da guerra —, um tiro fez explodir um vagão carregado de pólvora. Esse tiro desconcertou imenso os invasores. À falta de pólvora atribui a narrativa holandesa, previamente citada, a derrota que se seguiu. Acrescenta que um desertor japonês — havia um contingente japonês entre as forças holandesas — se passou para o outro lado e revelou a penosa situação em que

Folha n.º	20	da	proa
n.º	926	de	1992

MACAU
HISTÓRICO

se encontravam os invasores; situação de que os portugueses se aproveitaram imediatamente, frustrando uma retirada estratégica para o local de desembarque. Nos escritos portugueses, contudo, não são mencionadas tal deserção nem revelação por serem, ambas, circunstanciais⁸¹. Por outro lado, como foi contado pelo próprio Bontekoe no acima mencionado relato holandês, predominavam as desinteligências entre os comandantes holandeses e o plano de ataque inicial, organizado com muita segurança, foi alterado à última hora. Algo mais, além da pólvora queimada na altura do desembarque, deve ter metido água. Aos invasores faltava-lhes a confiança e o ímpeto tão essenciais ao sucesso e a precaução adoptada no desembarque estava bem de acordo com a subsequente cobardia, o pânico e a fuga que Bontekoe mascarou como sendo o resultado da simples falta de pólvora. Da sobranceira cidadela outros canhões disparavam também contra os invasores, que, entretanto, desistiram dos seus intentos. Diz-se que eles suspeitaram de uma emboscada, por trás da mata de bambus que cercava a cidade naquela direcção. De qualquer modo, tanto avançar como recuar significava igualmente expor-se ao fogo eficaz do Monte, enquanto ali perto, nos montes escarpados, poderiam encontrar uma posição forte e resguardada. Torcendo à esquerda, portanto, correram para a elevação que tinha no cume a Ermida da Guia. Lá, escondidos entre as rochas, Rodrigo Ferreira com oito europeus, vinte macaenses e alguns negros detiveram o seu avanço com uma rápida fusilaria. Os holandeses, depois de breve consulta entre os comandantes, marcharam na direcção de outra elevação. Entretanto, os oficiais encarregados das baterias de São Francisco e Bomporto, ao descobrirem que o ataque estava confinado a Cacilhas, enviaram cinquenta mosqueteiros sob as ordens de João Soares Vivas para impedir o avanço do inimigo. Na Porta do Campo, perto daquela área, foram reforçados por Lopo Sarmento de Carvalho e o punhado de homens que guardavam aquela porta. Percebendo a manobra dos holandeses, correram para a frente, determinados a proteger eles mesmos a elevação. Então, animados pelos estimulantes gritos de São Tiago — o grito de guerra dos portugueses, atacaram. Ao primeiro ataque, Reyersz van Derzton, que resistiu, caiu ferido no peito e foi evidentemente retirado, pois a narrativa holandesa diz que recuperou. A força inteira, presa de pânico em consequência disto, dispersou e fugiu, deixando fora bandoleiras, armas e estandartes. Muitos portugueses também se aliviaram dos mosquetes e com as suas espadas caíram sobre os holandeses enquanto estes corriam, costa abaixo, até à praia. O povo também apareceu, não dando quartel aos invasores. Em honra de São João Baptista, diz uma narrativa, os negros despiram e decapitaram todo o herético holandês que encontraram nesse dia; e diz-se que uma negra, vestida de homem, matou dois holandeses com um forçado, segundo alguns, ou com uma alabarda, segundo a versão dos arquivos do Senado. Em Cacilhas, as duas companhias holandesas esforçavam-se por reunir os seus camaradas e resistiam com resolução. Mas, depois de um violento combate com espadas e mosquetes, cederam, também, ante o ímpeto da carga dos portugueses, mergulhando no mar com os restantes holandeses. Muitos afogaram-se ao tentar alcançar os barcos — um dos quais, superlotado, se afundou. Os outros retiraram-se com os patachos, sob fogo constante. As perdas são estimadas segundo versões diferentes. O relato holandês menciona simplesmente cento e trinta homens mortos e o mesmo número de feridos. Segundo registos portugueses os holandeses mortos em combate, ou afogados, seriam cerca de trezentos a quinhentos homens,

Folha n.º	11	de proc
n.º	926	de 19. 97
<i>Qd</i>		

MACAU
HISTÓRICO

incluindo quatro oficiais. Um oficial e vários homens, dos quais só sobreviveram sete, foram feitos prisioneiros. O troféu constou de oito bandeiras, cinco tambores, uma peça de campanha e mais de mil alabardas, espadas e mosquetes. Do lado português, cerca de trezentos homens ao todo, foram mortos quatro portugueses, dois espanhóis e vários negros e contaram-se uns vinte feridos — uma perda comparativamente insignificante, considerando que a batalha durou mais de duas horas. A frota holandesa, depois de se ter abastecido de água numa ilha ao largo, voltou no dia seguinte com uma bandeira de tréguas para resgatar os prisioneiros. Tendo visto falhar esta tentativa a frota partiu — a maior parte para os Pescadores, ficando para trás três embarcações para interceptarem barcos portugueses vindos de Malaca.

Para Macau, desprevenida como estava, a vitória foi, sem dúvida, um milagre. No próprio cenário da batalha os vencedores alforriaram os seus escravos negros em reconhecimento da sua lealdade e bravura. Depois, foram todos à Catedral para uma solene acção de graças pela vitória alcançada pela graça de Deus, tendo o Senado e os moradores feito votos de comemorar do mesmo modo, daí em diante, a véspera do dia de São João — um voto escrupulosamente cumprido até ao tempo presente. A salvação foi unanimemente atribuída a S. João Baptista. O espírito desses tempos era demasiado supersticioso e visionário para não adornar o campo de batalha com o halo místico de uma aparição celestial que ofuscou o brilhante feito de armas. *Anjos e ministros da graça, defendei-nos!* não era, nesses dias, um apelo vão entre os espanhóis e os portugueses: os santos, diz-se, desceram para os defender e foram, em reconhecimento, escolhidos para patronos da cidade que salvaram. Em Manila Santo André foi creditado com a derrota de Li Ma Hon e São Francisco de Assis com a matança de vinte mil chineses em 1602; em Macau, a derrota dos holandeses foi associada à aparição de São João Baptista, para cujo manto foram desviados os tiros dos inimigos, tendo os próprios holandeses, espantados, visto o santo. A tradição atribui esta afirmação a uma fonte holandesa mas a lenda é predominantemente portuguesa e muito semelhante à lenda nacional de Ourique. Em nenhum registo português, contudo, se alude à lenda. Nem existe qualquer menção especial àquela precisão providencial assim como previsão, pelas quais o tiro do padre Rho fez explodir a provisão de pólvora do inimigo. Não fosse este golpe mestre e o resultado poderia ter sido muito diferente. De qualquer forma, foi previsto na narrativa do Senado que muito se poderia esperar de bom daquela vitória, porquanto os chineses, ao conhecerem o valor guerreiro dos portugueses, prefeririam tê-los como amigos do que como inimigo e os tratariam com consideração. De facto, o vice-rei de Cantão, felicitando o Senado, oferecia agora tudo o que desejassem; o *hai-tao* ofereceu aos cidadãos negros várias centenas de picos de arroz e, dali em diante, nunca mais os chineses se opuseram às medidas defensivas adoptadas pela colónia.

Enquanto Macau escapava por tão pouco de se tornar uma possessão holandesa, o seu comando militar estava a ser estranhamente posto a ridículo: uma carta-patente de Goa nomeou para Macau um frade dominicano, frei António do Rosário, para se encarregar do bispado, e dois cidadãos, Pedro Fernandes de Carvalho e Agostinho Gomes, que assumiram o comando cinco semanas depois da invasão. A colónia não perdeu tempo e informou o governador de Goa da necessidade de um comandante militar devidamente qualificado e uma guarnição eficiente. Em

Folha n.º	12	de	proc
n.º	926	de	97
<i>[assinatura]</i>			

MACAU
HISTÓRICO

conformidade, D. Francisco Mascarenhas foi, em nome do rei, nomeado capitão-geral de Macau, onde chegou em Julho de 1623 com uma companhia de soldados, e, de Manila, veio um coronel com duzentos mosqueteiros e várias bombardas. A carta-patente de D. Francisco Mascarenhas⁸² investia-o não só com jurisdição sobre os militares — tanto pessoas como bens — mas também com poder, em casos criminais, para sentenciar qualquer delinquente à morte, excepto oficiais e nobres que, em tais casos, seriam degredados e transportados para Goa, a fim de serem julgados pelo vice-rei; e, em casos civis, para impor multas que não excedessem os cem mil réis, não sujeitas a apelo, e quinhentos cruzados, ou, na sua falta, deportação por cinco anos no caso do não-cumprimento das suas ordens e pedidos. O ouvidor, o sargento-mor, um vereador e um juiz deviam assisti-lo no exercício da sua jurisdição; e o seu estipêndio, de quatro mil xerafins por ano, era para ser deduzido dos rendimentos da colónia. Em breve se levantaram problemas, por um lado atribuídos aos cidadãos que normalmente desobedeciam às ordens dadas, em nome do rei, por D. Francisco Mascarenhas, sendo a sua atitude para com ele de tal forma provocatória que chegaram a ser disparados três tiros do Monte contra o Mosteiro agostiniano, para onde havia tido necessidade de se retirar — balas que D. Francisco Mascarenhas ordenou que fossem douradas e enviadas ao rei, uma, e ao vice-rei, em Goa, outra; guardando a terceira para ele próprio⁸³. Está registado, por outro lado, que por repetidas extorsões e por cortejar as mulheres e as filhas dos cidadãos, que ficaram tão assustadas que não queriam sair nem para irem aos serviços religiosos, D. Francisco Mascarenhas provocou uma revolta, em 1623, que, segundo vários relatos, acabou com o seu assassinio. Um antigo manuscrito, contudo, afirma que se refugiou a bordo de um barco e nunca mais foi visto na Índia⁸⁴. Vinte e quatro cidadãos de Macau foram, como cabecilhas da revolta, condenados à morte pelo vice-rei da Índia mas depois de dois anos de prisão foram libertados por ordem real. D. Francisco da Gama, vice-rei da Índia, anulou as medidas arbitrárias de Mascarenhas por um decreto que foi proclamado em Macau ao toque de pífaros e tambores. Contudo, três anos mais tarde, o governador de Goa inabilitou *os criminosos, os proscritos e os culpados* de servirem em qualquer cargo governamental em Macau. Finalmente, foi concedida em 1632, em nome do rei, uma amnistia às ofensas ligadas à revolta — tendo em consideração a lealdade dos cidadãos ao trono e a sua dívida de mil picos de cobre ao tesouro real⁸⁵.

Foi entretanto divulgado que uma frota holandesa, destinada a outro ataque a Macau, se perdera num tufão. Em 1627, quatro barcos holandeses sitiaram Macau com vista a capturar as embarcações então prestes a zarpar para o Japão. Na ausência de qualquer navio de guerra, cinco galeotas foram equipadas por cinco cidadãos ricos — Marcos Botelho, Antonio Cortez, Antonio Rodriguez Cavalinho, João Teixeira e Tomás Vieira, o último dos quais, porque fazia as vezes de capitão-geral, recebeu o comando. A 18 de Agosto saíram para o largo, atacaram imediatamente o navio-almirante holandês e, depois de um duro combate, abordaram-no e mataram o comandante e vinte e sete dos tripulantes, fazendo trinta e três prisioneiros. O troféu incluiu vinte e quatro canhões e duas mil balas. O barco, o mais poderoso do grupo, foi então incendiado. Os outros fugiram com todas as velas desfraldadas quando o navio-almirante foi tomado⁸⁶. Para honra de Macau, o herói do dia, Tomás

Folha n.º	13	da proc.
n.º	926	da 13.97

-geral; e numa carta datada de 1643⁸⁷, um dos seus sucessores louvou-o pela sua dedicação ao serviço do rei e por uma patrulha que, como capitão de linha, e sem paga, manteve com cento e cinquenta soldados no Forte de São Francisco, a mais exposta das fortificações da colónia.

Afinal, foi completada a fortificação de Macau, a cidadela, em 1626. A Ermida da Guia foi transformada num forte, por se situar na elevação que domina o porto, a cidade e a própria cidadela. O Monte levou quinze canhões, a Guia dez, São Francisco e Bomporto oito cada e a Barra catorze, seis dos quais eram de cinquenta libras *. Em São Francisco foi montada numa plataforma uma colubrina de quarenta e oito libras cujo raio de acção cobria a Ilha da Taipa, situada a alguma distância. A meio da Praia Grande foi construído um reduto, o de São Pedro, com cinco canhões. Ao longo da muralha que vai de São Francisco ao Monte havia dois redutos, o de São Jerónimo e o de São João, o último sobranceiro à histórica planura do sopé da Guia, chamada Campo da Vitória em comemoração da derrota holandesa. Do Bomporto estendia-se uma muralha que ultrapassava a elevação da Penha. A maior parte desta obra foi construída pelos contingentes espanhóis, assim como pelos prisioneiros holandeses — que edificaram o forte sobre a elevação que alguns deles haviam tentado tomar, a Guia.

Duas vezes derrotados em Macau, os holandeses colecionavam vitória sobre vitória em todos os outros locais, privando assim a colónia de todo o seu comércio no Sul. Em 1637, vários cidadãos de Macau resolveram enviar à sua custa uma expedição a Malaca. O Senado aprovou o projecto em nome do rei e prometeu aos promotores as boas graças do vice-rei da Índia. Nas minutas do Senado para esse efeito é deplorada a política míope do governo da Índia, sendo evidente, após madura reflexão, que aqueles que roubavam e oprimiam Macau estavam sob a influência holandesa e inglesa. Acresce que os holandeses e os ingleses não estavam à altura daqueles que os enfrentassem resolutamente; e a experiência demonstrara que eles não estavam à altura dos homens de Macau, se estes se colocassem ombro a ombro, mesmo nas alturas em que não se podia esperar auxílio do rei. A expedição era projectada para seis patachos bem armados, para escoltar as embarcações até Malaca, levando o navio-almirante dez ou doze canhões e quarenta homens. Não há registo sobre a concretização da expedição nem, em caso afirmativo, de qual o seu resultado. Quatro anos mais tarde Malaca rendeu-se aos holandeses.

Um aspecto digno de nota na história de Macau desta época é o de a bandeira espanhola ter sido hasteada, durante a dominação castelhana, em Portugal e em todas as outras possessões portuguesas com excepção de Macau: lá apenas ondeou a bandeira portuguesa. Isto, diz-se, sucedeu porque o governo chinês não reconheceria outra, mas, *au fond*, foi, sem dúvida, devido ao tacto e patriotismo dos macaenses, que, além do mais, resistiram bravamente ao inimigo enquanto o império oriental de Portugal se desfez.

MACAU
HISTÓRICO

* Aproximadamente vinte e dois quilos e meio. (N. do E.)



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha n°

14

do processo n° 926 de 19 97 02 / 10 / 97 (a)

Ao Senhor Assessor Chefe.

Sobre o assunto, nada consta:

Em 02-10-97

ADELINA CICONE
Reg. 100.406
ATM

À Com. de Const. e Justiça

03/10/97

LUIZ AREIAS DE CARVALHO
Ass. Tecn. Leg. Chefe - A. T. M.

Recebido na Comissão de
Constituição e Justiça
Em 07/10/97 às 15:20 hs.

Ao Nobre Vereador EVNATI
para relatar.

Sala da Comissão de Constituição e Justiça
em 14 de 10 de 1997

Presidente

SEGUE juntado nesta data, documento e papel para informação, rubricado

sob folha n.º 15, 16

Em 20.03.98

(a) M



PUBLIQUE-SE EM

16 - PAR
16-0264/1998

Folha No 15 do proc.

Nº 926 de 1997

O Funcionário MCP

Câmara Municipal de São Paulo

PARECER CONJUNTO Nº /98 DAS COMISSÕES REUNIDAS DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA; EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES E DE FINANÇAS E ORÇAMENTO SOBRE O PROJETO DE LEI Nº 0926/97.

Trata-se de projeto de lei, de autoria do Nobre Vereador Edivaldo Estima, que visa instituir no Município de São Paulo o Dia de Macau, a ser comemorado anualmente, no dia 24 de junho.

Por se tratar de matéria sujeita ao quórum de maioria simples para deliberação, é dispensada a votação em Plenário, cabendo tal prerrogativa às Comissões Permanentes, na forma do art. 46, X, do Regimento Interno desta Casa.

O projeto está amparado no art. 13, I e no art. 37, "caput" da Lei Orgânica do Município de São Paulo.

Assim sendo, a Comissão de Constituição e Justiça manifesta-se

PELA LEGALIDADE.

Quanto ao mérito, o projeto merecer prosperar, eis que visa homenagear uma comunidade que manteve importantes laços históricos com Portugal, estando muitos de seus integrantes atualmente estabelecidos em nosso Município.

A Comissão de Educação, Cultura e Esportes é, portanto,

FAVORÁVEL ao projeto.

17 - RELCOM
17-0103/1998



Câmara Municipal de São Paulo

Quanto ao aspecto financeiro, a Comissão de Finanças e Orçamento nada tem a opor ao projeto, uma vez que as despesas decorrentes da execução da Lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas de necessário.

FAVORÁVEL é o parecer.

Sala das Comissões Reunidas, 27/10/98

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

Pub. ... OFICIAL
 de 20 03 98
 P. ... 43 ... 2
 Contador: M

A LEG. 3
 EM 20/03/98

M
 Marlene S. de Oliveira
 Secretária

RECEBIDO EM LEG. 3

20/3/98
 16:00

Sr. Orlando,

Preparar ofício, cópia autêntica, carta de lei e registro.

01/04/98

JOSÉ CRISTINO SOUZA SANTOS
 Chefe de Seção Técnica III
 Substituto

Sr. Chefe,

Providenciados conforme solicitação de V.Sa.

01/04/98

ORLANDO KOCI MENDES
 Oficial Legislativo

SEQUE M juntado 2 nesta data
 ... de informação
 ... sub folha 2 nº 17021
 Em 24/04/98



Câmara Municipal de São Paulo

Folha nº 17	do processo
N.º 926	de 1997
O funcionário	

São Paulo, 07 de abril de 1998.

18 - OF-LEG3
OFICIO N.º 0169/1998

Senhor Prefeito.

Encaminho a Vossa Excelência cópia autêntica da lei aprovada pela Câmara em 01 de abril do corrente, de acordo com inciso I do Art. 84 do Regimento Interno, relativa ao Projeto de Lei nº 926/97, de autoria do Vereador Edivaldo Estima, instituindo o "Dia de Macau", a ser comemorado, anualmente, no dia 24 de junho.

Valho-me da oportunidade para renovar a Vossa Excelência os meus protestos de elevado apreço e distinta consideração.


NELO RODOLFO
Presidente

A Sua Excelência o Senhor
Doutor Celso Roberto Pitta
Digníssimo Prefeito do Município de São Paulo.

okm



18 - OF-LEG3
OFICIO N.0169/1998

Folha n.º 18 do proc.
N.º 926 de 1997
O Funcionário

Câmara Municipal de São Paulo

-----Cópia autêntica. LEI DECRETADA NOS TERMOS DO INCISO I DO ARTIGO 84 DO REGIMENTO INTERNO. Cópia extraída de fls. nº 01 do Processo. (PROJETO DE LEI Nº 926/97). Institui o "Dia de Macau", a ser comemorado, anualmente, no dia 24 de junho. A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO decreta: Art. 1º - Fica instituído, no âmbito municipal, o "Dia de Macau", a ser comemorado, anualmente, no dia 24 de junho. Art. 2º - A Entidade Casa de Macau, sediada em São Paulo, será convidada a participar da comemoração de que trata o "caput" desta lei, que passará a integrar o Calendário Oficial da Municipalidade. Art. 3º - As despesas decorrentes com a execução da presente lei, correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário. Art. 4º - Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Eu, **ORLANDO ROCCI MENDES**, Oficial Legislativo, padrão "QPA-9-A" extraí a presente cópia fielmente de fls. do livro competente nº 50 e digitei. Eu, **ZUZISSATO**, Assistente de Chefe Técnica, padrão "QPA-10-C" a conferi. São Paulo, 01 de abril de 1998. Chefe da Seção Técnica de Preparo e Registro de Documentos Legislativos, **JOSÉ CRISTIANO SOUZA SANTOS**, Substituto. Visto, **LEILA XAVIER MACHADO**, Diretora do Departamento dos Serviços Legislativos da Câmara Municipal de São Paulo.-

aa) Nelo Rodolfo; José índio Ferreira do Nascimento; Antonio Goulart; Ana Maria Quadros; Natalício Bezerra; Jorge Taba; Maria Helena.

okm

[Handwritten signatures]



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	99	de Arq.
N.º	925	de 1997
U.º	funcionário	

LEI Nº 12.592 DE 16 DE abril DE 1998.

Institui o "Dia de Macau", a ser comemorado, anualmente, no dia 24 de junho.

Faço saber que a Câmara, nos termos do inciso I, do art. 84 do Regimento Interno, decretou a seguinte lei:

Art. 1º - Fica instituído, no âmbito municipal, o "Dia de Macau", a ser comemorado, anualmente, no dia 24 de junho.

Art. 2º - A Entidade Casa de Macau, sediada em São Paulo, será convidada a participar da comemoração de que trata o "caput" desta lei, que passará a integrar o Calendário Oficial da Municipalidade.

Art. 3º - As despesas decorrentes com a execução da presente lei, correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 4º - Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de São Paulo, 01 de abril de 1998.

O Presidente,

okm



MEMORANDO

Folha n.º 20
N.º 926
O. 1000000000
Câmara Municipal de São Paulo

São Paulo, 07 de abril de 19

Recebi ofício Leg.3 nº 169/98, de
07/4/98, encaminhando ao Executivo cópia autêntica de lei
decretada pela Câmara, relativa ao Projeto de Lei nº 926/97,
de autoria do Vereador Edivaldo Estima (inciso I do art. 84
do R.I.).

Anexo:

RECEBI EM:
14/04/98

CM
Marcia Valéria C. Cancian Ribeiro
Aux. Téc. Adm. / Ad. Ger.
SGM/ATL



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

21

Papel para informação, rubricado como folha nº

do processo nº

de 19

(a)

LEI Nº 12.592, DE 16 DE ABRIL DE 1998
(Projeto de Lei nº 926/97, do Vereador Edivaldo Estima - PPB)

Institui o "Dia de Macau", a ser comemorado, anualmente, no dia 24 de junho.

CELSO PITTA, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei.

Faz saber que, nos termos do disposto no inciso I do artigo 84 da Resolução nº 02/91, a Câmara Municipal de São Paulo decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - Fica instituído, no âmbito municipal, o "Dia de Macau", a ser comemorado, anualmente, no dia 24 de junho.

Art. 2º - A Entidade Casa de Macau, sediada em São Paulo, será convidada a participar da comemoração de que trata o "caput" desta lei, que passará a integrar o Calendário Oficial da Municipalidade.

Art. 3º - As despesas decorrentes com a execução da presente lei, correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 4º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 16 de abril de 1998, 445ª da fundação de São Paulo

CELSO PITTA, PREFEITO

EDVALDO PEREIRA DE BRITO, Secretário dos Negócios Jurídicos

JOSÉ ANTONIO DE BRITO, Secretário das Finanças

RODOLFO OSVALDO KONDER, Secretário Municipal de Cultura

Publicada na Secretaria do Governo Municipal, em 16 de abril de 1998.

EDEVALDO ALVES DA SILVA, Secretário do Governo Municipal

Publicado no DIÁRIO OFICIAL	
de 17, 04	19 98
página 01	coluna 01
Conferido:	

Ao DT.94 - arquivo,

Para as devidas providências.

24 / 04 / 98

J
JOSE CRISTINO SOUZA SANTOS
Chefe de Seção Técnica III
Substituto

DEPARTAMENTO	
DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMÁTICA	
SEÇÃO TÉCNICA DE ARQUIVO	
Proc. encerrado c/	# 217 fls.
Arquivo em	27-04-98
O Func.º	<i>[Assinatura]</i>
MIRIAM BELOIA MARIA GOMES KAG Documentalista	

SEGUE juntado nesta data, documento e papel para informação, rubricado

sob folha nº

Em l. l.

(a)